

## *Pra outra fase*

Uma última vez repeti para mim mesma que não estava sequestrando meu irmão caçula.

Juro que eu não tinha nem *cogitado* essa possibilidade até estarmos no metrô e, quando chegamos ao aeroporto, já era tarde demais para voltar atrás e colocar o cartão de crédito de volta na bolsa da mamãe.

Também era tarde demais para *não* ter usado o cartão na compra de duas passagens para Nova York para nós dois, Benjamin e eu. E, sem sombra de dúvida, era tarde demais para *não* ter sacado quinhentos dólares do caixa eletrônico mais sofisticado do aeroporto.

Mas tudo isso *já* tinha acontecido, embora eu atribuísse pelo menos parte da culpa à mamãe, tanto por volta e meia recorrer à minha ajuda para fazer compras na internet quanto por ter me revelado a maioria das suas senhas.

Mesmo assim, por mais que houvesse um excelente motivo para eu ter cometido tantos crimes naquele dia, tudo se tornava insignificante diante da possibilidade de estar sequestrando meu irmão.

Benjamin, verdade seja dita, estava lidando com toda aquela situação da maneira típica de um menino de 7 anos de idade. Com sua mochila dos *Watchmen* nas costas, segurava minha mão com toda a paciência do mundo, esperando em silêncio que eu me situasse. Em vez de sair gritando que estava sendo raptado pela irmã mais velha, ele parecia bem mais preocupado com o fato de Stan precisar ou não de uma passagem.

Agarrei seu braço com firmeza. Estávamos em algum ponto da área de check-in do Terminal 3. No meio de toda aquela confusão e barulho, precisávamos encontrar o guichê certo. Pessoas circulavam apressadas por todos os lados, e eu já não sabia mais a direção pela qual tínhamos entrado.

— Stan não precisa de uma passagem — repeti pela centésima vez. E, antes que Benjamin pudesse emendar na segunda pergunta, acrescentei: — E não, ele também não precisa de passaporte.

— Mas nós precisamos — disse Benjamin.

Ele parecia um tanto apreensivo. Se Stan não embarcasse, certamente ficaria desconsolado.

— Sim — concordei. — Nós precisamos.

Então, por pura coincidência, ouvi alguém comentando sobre um voo para Nova York, o que fez com que eu começasse a entrar em pânico.

Respirei profundamente. É um menino incrível que eu amo demais, mas, como qualquer criança, ele tem lá seus momentos, e eu precisava muito da ajuda dele; caso contrário, não o teria *sequestrado*. Não que isso realmente tivesse acontecido. Não mesmo.

— Nós precisamos — expliquei — porque somos seres vivos, humanos, de verdade, e Stan, por mais fantástico que seja, não é nada disso.

Benjamin pensou por um momento.

— Ele é de verdade — disse.

— É, você tem razão — falei. — Me desculpe. Ele é de verdade. Mas também é um bicho de pelúcia. Não precisa de passaporte.

— Você tem certeza absoluta?

— Absoluta. Aliás, como ele está?

Benjamin teve uma conversa rápida com Stan. Deduzi que ele devia estar segurando o pássaro pela asa, como sempre, do mesmo jeito que eu segurava pela mão. Devíamos parecer muito bobos, nós três. Eu, o pequeno Benjamin e um corvo encardido.

— Está bem, mas com saudade de todo mundo.

“Todo mundo”, no caso, se referia à coleção de bichos de pelúcia e super-heróis de plástico no quarto dele.

— Faz só uma hora que saímos de casa.

— Eu sei, mas Stan é assim mesmo. Ele também disse que está com saudade do papai.

Puxei meu irmão, para que começasse a andar.

— Escuta, Benjamin. Você precisa encontrar o guichê de check-in da Virgin Atlantic. Talvez Stan possa ajudar. Corvos não são famosos por terem uma visão excepcional?

Foi um tiro no escuro, mas funcionou.

— Virgin Atlantic... — Benjamin repetiu. — Por aqui. Achei! Stan, ganhei de você. Apesar da sua visão excepcional.

Benjamin seguiu em frente bem depressa, fazendo com que eu o puxasse pela mão, tentando fazê-lo se lembrar da nossa maneira de caminhar juntos. É algo que inventamos há alguns anos e ele adora fazer, mas acho que estava empolgado demais com a perspectiva de entrar

logo no avião, então acabou se soltando de mim ao sair em disparada.

— Benjamin! — chamei, esperando que ele voltasse.

Deve ter sido apenas um segundo, no máximo dois, mas eu me desesperei para sair apressada atrás dele, então acabei tropeçando numa mala, ou algo assim, e me estetei no chão.

Mesmo no meio de todo aquele tumulto do aeroporto, reparei no silêncio que tinha se instaurado à minha volta, e percebi que tinha feito o maior papelão. Caí com as pernas por cima da mala e os braços estirados à minha frente.

— Será que sou invisível, por acaso? — esbravejou um homem.

Meus óculos tinham pulado do meu rosto, e eu o ouvi bufar irritado.

— Por que não olha por onde anda? Meu laptop está aí dentro.

Eu me levantei e acabei chutando a mala dele mais uma vez.

— Pelo amor de Deus! — exclamou o homem.

— Mil desculpas — murmurei. — Desculpa mesmo.

Mantive a cabeça baixa enquanto o homem abria a mala, resmungando.

— Benjamin? — chamei, mas ele já estava de volta ao meu lado.

— Tá tudo bem, Laureth? — perguntou, depositando alguma coisa em minhas mãos. — Toma aqui seus óculos.

Coloquei-os de volta depressa.

— Sinto muito mesmo — falei na direção do homem, estendendo a mão para que Benjamin me apoiasse. — É melhor irmos andando.

Benjamin a segurou e dessa vez me conduziu direito, do nosso jeito secreto.

— Tem uma fila — avisou ele, parando. — É pequena.

Pra outra fase, falei para mim mesma. Era como papai chamaria. Eu teria que passar por aquela primeira pessoa; a funcionária no guichê de check-in.

— Chegou nossa vez — Benjamin sussurrou.

— Próximo, por favor!

Era a moça do guichê.

Apertei a mão de Benjamin e me inclinei para sussurrar de volta:

— Espere aqui.

— Por quê?

— Você sabe por quê — respondi, o que me rendeu a tarefa de caminhar alguns passos sozinha até o guichê.

Eu estava feliz por ser verão e estar calor do lado de fora, porque era menos esquisito usar óculos escuros quando está sol, mesmo em ambientes fechados, mas depois de ter caído por cima da mala de um cara mal-humorado, eu não queria chamar mais nenhuma atenção.

— Para onde você está indo? — perguntou a mulher, antes mesmo que eu me aproximasse.

Lembrei do Harry, meu colega da escola. Ele é incrível. Ele teria tentado fazer alguns ruídos para identificar onde ficava o guichê, mas talvez nem ele conseguiria fazer isso nesse momento; estava uma confusão ao redor. Além do mais, sempre há o risco de alguém achar que você está fingindo ser um golfinho. O que não é muito legal. Em vez disso, levantei a mão bem devagar, mas com firmeza, e fiquei muito satisfeita por ter calculado a distância quase exata. Quero dizer, dei uma canelada com toda a força em uma barra de proteção de metal, mas fiz

o melhor que pude para não demonstrar, e coloquei os passaportes em cima do balcão.

— Sim... Nova York — confirmei. — JFK, 9h55.

A mulher pegou nossos documentos.

— Alguma bagagem para despachar?

— Hum... não — respondi. — Só bagagem de mão.

Eu virei para mostrar minha mochila e acenei na direção de Benjamin, rezando para que ele estivesse parado no mesmo lugar.

— Viagem rápida, certo? Vão passear bastante?

Contei a verdade. Pelo menos, o que eu gostaria que fosse a verdade:

— Vamos encontrar nosso pai.

A atendente hesitou por um momento.

— Quantos anos você tem, Srta. Peak?

— Dezesseis.

— E aquele é seu irmão, certo?

Disse que sim.

— E ele tem...?

— Ah, ele tem 7 anos. No site dizia que ele poderia viajar comigo se tivesse no mínimo 5 anos. E ele tem 7. E eu tenho 16, então, quero dizer, nós... nós achamos que...

— Ah, sim — respondeu a moça. — Não tem problema. Eu estava só verificando. Mas e o pássaro, tem passaporte?

— Eu avisei! — Benjamin gritou de algum lugar atrás de mim.

— Está tudo certo, querido — disse a mulher. — Estou só brincando. Ele não precisa de passaporte.

— Ele não precisa de passaporte — repeti. Então me senti uma idiota e calei a boca.

— Posso dar uma olhada no seu pássaro? — perguntou a mulher, por cima do meu ombro.

— Não posso sair daqui — esclareceu Benjamin.

— Por que ele não pode sair dali? — perguntou ela.

De repente, as coisas estavam começando a dar errado.

— Você sabe como é — desconversei com um sorrisinho. — Meninos. Quero dizer, ele não tem que ficar parado exatamente no mesmo lugar, mas... ah, meninos!

— Está tudo certo, Srta. Peak? — perguntou a mulher. Sua voz tinha ficado séria de repente.

— Ah. Sim. Sabe como é que é. Estou meio nervosa.

— O voo é só daqui a uma hora e meia. Vocês têm muito tempo ainda.

— Ah, não — esclareci, mais desesperada para sair dali do que nunca. — Eu digo, por causa do voo. E, como você pode perceber, estou com Benjamin.

Ela deu uma risada alta.

— Gêmeos — anunciou. — Meus garotos dão um trabalho danado e têm a mesma idade dele. E são dois, então agradeça sua sorte. Seja qual for o lugar que escolhemos passar férias, é como se declarássemos guerra ao pobre país.

Eu ri. Achei que estava aparentando nervosismo, mas ela não pareceu notar.

— Tenham uma boa viagem — desejou.

Colocou os passaportes de volta sobre o balcão.

— O embarque será às 8h55, provavelmente no portão 35. Para sua comodidade, é melhor ficar atenta a quaisquer mudanças.

Então restava apenas a pequena tarefa de pegar os passaportes de volta. Fiz um movimento suave na direção do guichê e, com alívio, os encontrei de imediato.

— Obrigada — agradei. — Benjamin. Me dê a mão. Você sabe como se perde facilmente.

Benjamin se aproximou e fez como eu mandava.

— Eu não me perco! — protestou, e então, como estava indignado, se esqueceu de apertar minha mão para indicar em qual direção deveríamos seguir.

Congelei, embora eu estivesse ansiosa para afastá-lo dali antes que o plano começasse a desandar de verdade.

— Para que lado devemos ir? — perguntei a ela.

— O embarque é no andar de cima — explicou a moça. — As escadas rolantes ficam logo ali.

— Benjamin — chamei. — Benjamin? Vamos...?

Mas, bendito seja, a essa altura ele já estava me puxando para longe do guichê, na direção certa. Ele me ajuda muito, na maior parte do tempo.

Tínhamos passado pra outra fase.

— Vamos encontrar o papai agora? — indagou esperançoso, enquanto subíamos a escada rolante para a sala de embarque.

— Sim — assegurei confiante. — Vamos encontrar o papai agora.